

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## AMBIENTALIZAÇÃO CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Álvaro Luís Ávila da Cunha <sup>1</sup>

José Antonio da Silva Ferreira Junior <sup>2</sup>

Rafaela Gonçalves Bellinazo <sup>3</sup>

### RESUMO

Este ensaio pretende perceber/refletir/mirar/deter-se em como licenciand@s constroem fabricam/montam/editam seus conhecimentos e perspectivas ambientais à partir da ambientalização curricular proposta pelo Grupo de Estudos Movimento e Ambiente (GEMA) e o Componente Curricular Complementar de Graduação (CCCG) Movimento e Ambiente do curso de Licenciatura em Educação Física em uma Instituição Federal de Ensino. Mais especificamente olharemos a última Jornada de Estudos à Ilha Brasileira na Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Uruguai, e como estas aprendizagens estão relatadas nos registros d@s acadêmic@s.

**Palavras-chaves:** Ambientalização curricular; Formação de professores; Trilhas.

### 1. INTRODUÇÃO

A escrita mais uma vez nasce/surge/emerge do alvoroço/algazarra do corpo em movimento/deslocamento. Ambiciona materializar as aprendizagens errantes, dar forma a saberes possivelmente construídos/fabricados/manufaturados de maneiras tão individualizadas/impermanentes/inusitadas que absolutamente todas parecem zombar da tentativa do registro/relato. Este processo acompanha e integra a professoralidade/docência/magistério. Afinal, o que temos de ensinar e aprender neste ofício? Qual relevância daquilo que propomos oportunizamos em uma “classe”?

Talvez a crítica mais arcaica à educação tradicional seja sua desvinculação do cotidiano, da vida d@s escolares, espécie de conhecimento alienado, enciclopédico e sem serventia; um verdadeiro *déficit* de materialidade social. Tentar resolver esta charada pedagógica pode levar uma carreira inteira da professora, mas seguramente garante que

<sup>1</sup> Doutor em Educação Ambiental Universidade Federal do Pampa. E-mail: [alvaro.balas@gmail.com](mailto:alvaro.balas@gmail.com).

<sup>2</sup> Licenciando em Educação Física Universidade Federal do Pampa. E-mail: [ef.joseferreira@gmail.com](mailto:ef.joseferreira@gmail.com).

<sup>3</sup> Licencianda em Educação Física Universidade Federal do Pampa. E-mail: [rafagoncalves283@gmail.com](mailto:rafagoncalves283@gmail.com).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

estamos em movimento/processo. Exigência para nós que estudamos/trabalhamos na educação.

Este ensaio pretende/perceber/refletir/mirar/deter-se em como licenciand@s constroem fabricam/montam/editam seus conhecimentos e perspectivas ambientais A partir da ambientalização curricular proposta pelo GEMA e o Componente Curricular Complementar de Graduação Movimento e Ambiente do curso de Licenciatura em Educação Física em uma Instituição Federal de Ensino. Mais especificamente, olharemos a última Jornada de Estudos à Ilha Brasileira na Tríplice Fronteira Brasil-Argentina-Uruguaí, e como estas aprendizagens estão relatadas nos registros d@s acadêmic@s.

## **2. SOBRE O GEMA E O CONTEXTO AMBIENTAL**

O Brasil é conhecido por suas proporções continentais, significativa variedade climática, respeitável patrimônio ambiental/cultural, uma imensa biodiversidade. À medida que se consolidam demandas direcionadas ao resgate da enorme dívida social existente no país, cresce proporcionalmente a pressão por um modelo sobre a sustentável e saudável utilização dos “recursos naturais” disponíveis. Entendemos corpo e ambiente como indissociáveis; acreditamos que a justiça social implica economia sustentável. Sustentabilidade entendida como a capacidade de por fim a aporia da sociedade contemporânea que produz alimentos para 15 bilhões de pessoas e alimenta satisfatoriamente somente 5 bilhões de seus quase 7,5 bilhões de habitantes; sem considerarmos a qualidade do alimento produzido. Alteramos bruscamente nossos ecossistemas/biomas, destruimos fenômenos que possibilitam a continuação da vida de inúmeras espécies animais e vegetais. Nas últimas Expedições do grupo pelo norte nordeste do Rio Grande do Sul foi possível observar como locais de mata nativa/ciliar/galeria são pequeninas ilhas rodeadas de *agrobussines* por todos os lados.

Os argumentos e a ética parecem erodir frente à lógica da ciência econômica. Basta lembrar do rio de minérios e o mar vermelho em Minas Gerais/Espírito Santo, no maior

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

acidente com barragens no mundo, isto foi em 2015, há três anos, em Mariana, a empresa responsável é a Samarco...

Nesse contexto, nas instituições educacionais, licenciandos/as e docentes estão construindo alternativas pedagógicas e curriculares; adotando e garantindo formas de aprendizagem/ensino que consideram a problemática ambiental como currículo. A esse processo muitos denominam ambientalização curricular e, como registra o autor, ela está implicada com “o processo de inovação que realiza mudanças no currículo através de intervenções que visam integrar temas socioambientais aos seus conteúdos e práticas” (KITZMANN; ASMUS, 2012, p. 270). Ou ainda como lemos no *Manifesto por la Vida por uma ética para la sustentabilidade*:

*Para Ambientalizar el currículo se debe anclar profundamente en el debate inevitable entre pensamiento insustentable y sustentabilidad. Se debe confrontar con la epistemología simplificadora y reduccionista y convocar desde el dialogo de saberes, a una nueva vision del mundo teñida con posturas integradoras e interdisciplinarias. Em sintonia com la vida y la sustentabilidad, para sepultar definitivamente la segregación hombre-naturaleza, sujeto-objeto (2006, p. 14).*

Além da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)<sup>4</sup> (considerada por muitos/as educadores/as e ambientalistas brasileiros/as mais do que um avanço na política educacional do país, uma verdadeira conquista dos movimentos sociais, nos últimos anos ou mesmo décadas), foram elaboradas em 2012 as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) específicas para a Educação Ambiental<sup>5</sup>, que prescrevem:

O reconhecimento do papel transformador e emancipatório, da Educação Ambiental torna-se cada vez mais visível diante do atual contexto nacional e mundial em que a preocupação com as mudanças climáticas, a degradação da natureza, a redução da biodiversidade, os riscos socioambientais locais e globais, as necessidades planetárias evidenciam-se na prática social [...].

<sup>4</sup> Lei Federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

<sup>5</sup> Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012 estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Nossa universidade é separada em dez unidades espalhadas pela metade sul do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. O bioma pampa abrange quatro países; isto significa que transitamos em zonas fronteiriças com Uruguai, Argentina, próximos do Paraguai. Acreditamos que a formação docente combina com estradas e caminhos, percursos que possibilitam a fabricação de conhecimentos e saberes.

O GEMA objetiva tornar mais visível o contexto e as comunidades escolares envolvidas nas ações educativas de licenciand@s, favorecendo o processo de formação e atuação profissional. Buscamos oportunizar o contato, o conhecimento e a reflexão acerca das formas de habitar e viver a cidade, utilizando práticas corporais como a caminhada, trilhas e acampamentos em outros ecossistemas e regiões do estado. Nos últimos anos, viemos explorando o território do Rio Grande do Sul de acordo com as possibilidades de transporte e estadia nos locais escolhidos. Desta forma, conhecemos o litoral nas expedições em Torres e balneário Cassino, os cânions de Aparados da Serra, o Salto do Yucuman em Derrubadas no Parque Estadual do Turvo, o Parque Estadual do Espinilho, as ruínas missioneiras em São Miguel, as grutas de Nova Esperança do Sul a Ilha Brasileira na tríplice fronteira em Barra do Quaraí, o que sobrou da Mata Atlântica em Santa Cecília do Sul e a difícil trilha no rio Santo Antônio.

O GEMA vem pautando-se pelo que denominamos pedagogia das ruas; tendo o ambiente como currículo nos conectamos com os modos de viver, as distintas culturas que habitam as cidades; ao mesmo tempo que reconectamos nossos sentidos aos do ambiente não urbanizado, seus ritmos e a sua biodiversidade comovente, aprendemos a valorizar e nos relacionar com as diferenças. O cotidiano da cidade, suas ruas, seus bairros, arredores e moradores têm orientado nosso olhar sobre o mundo e se transformaram em estratégias para produzir conhecimentos corporais e socioambientais. Para nós, esse percurso é uma possibilidade de ambientalização curricular. Logo pautamos nossa metodologia na contextualização, problematização e estudo das realidades socioambientais, utilizando as estratégias já mencionadas, reuniões de estudo e planejamento, trilhas urbanas e jornadas ambientais (registros e relatos) produção de pôsteres e artigos para participação em eventos da área, publicação de notas e matérias nos jornais locais, página nas redes sociais,

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

produção de materiais didáticos entre outras ações propostas pelos integrantes do grupo no decorrer do processo pautado pela abertura aos desafios acadêmicos e ambientais.

### **3. SOBRE O CCCG MOVIMENTO E AMBIENTE**

Além do GEMA, a outra ferramenta utilizada para ambientalização curricular é o CCCG Movimento e Ambiente, que no novo currículo, do nosso curso de graduação, aparece como componente curricular obrigatório. O componente complementar vem sendo oferecido nos últimos anos e sempre com participação bastante significativa por parte d@s acadêmic@s, atingindo cerca de oitenta por cento d@s matriculad@s no curso.

Este espaço pedagógico trabalha em duas direções/dimensões: local e regional. Na primeira exploramos todos os limites geográficos do município utilizando o rio Uruguai como referência e os três arroios que nele desembocam e que praticamente limitam toda a parte urbana da cidade (arroios Cacaréu, Salso de Cima e Salso de Baixo). Neste movimento levamos as turmas a reconhecer seu ambiente. O lugar onde residem, estudam e trabalham, passam a ter outros significados, alterando/acrescentando novos referenciais ao universo subjetivo d@s estudantes e desenvolvendo assim uma das características mais caras à Educação Ambiental (EA), qual seja o pertencimento agregado/integrado a outro elemento imprescindível em tais processos pedagógicos, a sensibilização. Beleza e degradação apresentam-se inseparáveis em todos os lugares em que transitamos, despertando um senso crítico em relação a como a urbanidade, em seu desenvolvimento, vem desprezando as características estético ambientais, em nome de uma ocupação que serve aos interesses econômicos mais imediatos. Podemos ver às margens do Uruguai grandes empreendimentos imobiliários sendo construídos de maneira ilegal ou a necessidade de moradia e sobrevivência das parcelas empobrecidas da sociedade, que muitas vezes constroem seus barracos à beira do rio, nas piores condições de saneamento e sempre ameaçadas pelas cheias e enchentes quase anuais na localidade.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Na dimensão/direção regional do trabalho realizamos saídas de campo, expedições (acampamentos) ou jornadas (deslocamentos em dois turnos). Á partir daqui analisamos/relatamos nossa última jornada.

## **4. TRÊS PAÍSES, DOIS RIOS, TRÊS CIDADES, TRÊS PARQUES E UMA ILHA**

A Ilha Brasileira está localizada no encontro dos rios Quaraí e Uruguai, verdadeiro marco geográfico brasileiro e sul americano, pois ali se encontram e se tocam três países. Limites tênues se pensarmos, por exemplo, que toneladas de charque dos saladeiros de Quaraí eram exportados, no início do século passado, para o Uruguai por cabos suspensos sobre o rio: “o sistema consistia em dois carrinhos, em um vai e vem, onde cada um dos carrinhos possui a capacidade de carga de 2000 Kg e levavam dois minutos para transbordar as cargas da margem brasileira até os vagões, localizados na margem uruguaia” (REVISTA RIO QUARAÍ, 2018, p 29).

Trabalhar em zonas fronteiriças significa entrar em contato com o diverso, aproximar-se do estrangeiro e integrar-se de algum modo à situação, construindo estratégias de relacionamento; muito próximo do que é necessário para o ofício de professor; trabalhar/problematizar a diferença é exigência no fazer pedagógico.

Voltemos a Ilha fluvial que ocupa quase todo o leito dos rios que se encontram. Do lado brasileiro temos a cidade de Barra do Quaraí e o Parque Estadual do Espinilho, já no Uruguiaio temos *Bella Union* e o *Parque Rincon de La Franquia* e na Argentina *Monte Caseros* e *Parque Campo Gal Avalos*. O sonho das Organização Não Governamentais (ONGs) e algumas lideranças locais e parte das comunidades fronteiriças é a criação do Corredor Trinacional Biológico, tendo a Ilha como elemento integrador dos ecossistemas. Hoje encontra-se desabitada, mas no tempo das balsas, 18 famílias habitavam ali. É possível ver os registros da época em pomares e habitações abandonadas, no corredor de árvores cuidadosamente plantado que contorna o caminho para a casa do último habitante, seu José, considerado guardião do lugar. Pesquisadores de diferentes partes do mundo procuram a ilha para a observação da vegetação e dos mais variados pássaros endêmicos.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

A riqueza no plano do patrimônio ambiental sócio histórico, geográfico, biológico e das possibilidades de práticas corporais na Ilha é considerável. Mas como @s estudantes vêm construindo conhecimentos nestes espaços? É o que apresentamos agora, partindo dos relatos feitos nesta última jornada do GEMA e a CCCG Movimento e Ambiente.

Relato José: “Inicio o relato abordando um pouco sobre o local que fomos conhecer. Rumamos à Ilha Brasileira, local que para mim era desconhecido até então, discutimos nossa ida nas reuniões do GEMA articulando nossas trilhas pelo local. A Ilha Brasileira fica localizada próximo à cidade de Barra do Quaraí e faz divisa com Argentina e Uruguai, tendo de um lado o Rio Quaraí e do outro o Rio Uruguai. Fomos de ônibus até o local, um grupo em torno de 38 pessoas, em grande parte formada pelos calouros. Chegamos até o ponto de encontro onde a Polícia Federal nos acompanharia até o local da travessia de barco para chegarmos a tal Ilha Brasileira. Entramos no ônibus e fomos em direção ao ponto de travessia, mas o ônibus atolou no meio do percurso, descemos e trilhamos pelo barro e pelo mato. Iniciamos aí nossa aventura, no andar pelo desconhecido, no ativar de nossos sistemas de percepção e propriocepção ao andar pelo ambiente; embora não previsto, gostei do trajeto inusitado, interagíamos uns com os outros, ríamos das deslizadas e quase tombos que sofríamos, enfim, aumentávamos nossas relações interpessoais naquela manhã gelada.

Depois de algum tempo na caminhada, chegamos à beira do Rio Quaraí, onde a Polícia Federal (PF) e o exército nos esperavam para a travessia, e assim fizemos: grupo de 6 ou 7 pessoas faziam a travessia enquanto os demais esperavam. Conforme chegávamos na Ilha, começamos a explorar o local, fazendo pequenos percursos já trilhados, indo e vindo admirando a beleza do local.

Algo muito curioso em nossa expedição foi a “marcação cerrada” que a PF fazia. Pelo que ouvimos, aquela região, embora muito bonita, é local de contrabando de drogas entre outras coisas, que entram ilegalmente, uma vez que, como foi dito, é zona de fronteira com outros dois países.

Fora isso, nossa estada na Ilha foi muito tranquila, infelizmente não conseguimos realizar as trilhas planejadas, elas estavam fechadas e de acesso perigoso, parece que o



# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

lugar não recebe nenhum tipo de cuidado, uma vez que seu único morador havia morrido há certo tempo, o famoso Guardião da Ilha, que assim era chamado, folcloricamente, o senhor que viveu seus últimos anos isolado na Ilha.

Mas não perdemos a viagem, fizemos um almoço e ali ficamos por um tempo, descansando, conversando e interagindo, rindo do nosso passeio e sentindo a diferença da cidade e da natureza, uma vez que os únicos barulhos ouvidos eram nossas risadas, o barulho das águas na costa da Ilha, o balançar das árvores e o cantar de alguns pássaros distantes, assustados talvez pela grande movimentação no local.

Depois de certo tempo, refizemos a travessia de barco, o que foi a parte mais divertida para todos, alguns com medo das águas, outros se divertindo com o medo dos outros, sem dúvidas a cada travessia, risos podiam ser notados. Voltamos para nosso ônibus e decidimos ir visitar o Antigo Saladeiro na Barra do Quaraí, local que outrora foi de grande importância, nos tempos de charque. Chegamos lá e fomos desbravar as ruínas, lugar muito instigante, olhávamos aquelas paredes tomadas pelas raízes das árvores e imaginávamos como era aquela construção em tempos antigos, o que nos mostra do quanto leigo somos das heranças e legados que possuímos e sequer conhecemos.

Após relatar como foi nossa expedição, gostaria de dizer que para mim, a cada viagem, excursão, expedição que realizo junto com o GEMA me torna um profissional mais atento e dedicado a trabalhar e valorizar a Educação Ambiental (EA), vejo de extrema importância o papel que o grupo desempenha na nossa universidade, nos proporcionando momentos e vivências que fogem do nosso habitual, que nos mostram que Educação Física pode ser praticada na quadra, na rua, no mato, na floresta. O GEMA, para mim, ensina que devemos ser professores plurais, que enxergam em um pedaço de grama, um terreno abandonado, um pedaço verde um local propício para trabalhar a dimensão ambiental e a dimensão corporal de forma única, reconstruindo nossa percepção de meio ambiente, de natureza e como é importante atentarmos e trabalharmos essas questões na graduação e na escola, onde será nosso futuro espaço de atuação e seremos responsáveis pela formação de cidadãos que serão responsáveis pela sociedade que vivemos. Sendo assim, deixo aqui meus agradecimentos aos professor@s , que dedicam o seu tempo para trazer essas



# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

experiências inesquecíveis para os acadêmic@s do curso e sem dúvidas ficarão na nossa memória.”

Relato Rafaela: Às 8h horas do dia 21 de julho de 2018, num sábado, os alunos do PCCI, da DCG Movimento e Ambiente e, do grupo de estudos GEMA se reuniram, juntamente com os professores das respectivas turmas, em frente à Catedral de Sant’Ana, defronte à praça do Barão, com o objetivo de realizar uma expedição de estudos na Ilha Brasileira, uma pequena ilha fluvial localizada na foz do rio Quaraí, entre os municípios de Barra do Quaraí, no Brasil, *Monte Caseros*, na Argentina, e *Bella Unión*, no Uruguai, sendo assim considerada uma ilha na tríplice fronteira.

Inicialmente, em frente à igreja, o grupo embarcou num ônibus que os levaria até o então limite de tráfego à margem do Rio Quaraí, onde estes seguiriam de barco até a ilha. Durante a viagem de ônibus, que tem cerca de 68km e durou aproximadamente 50 minutos, a turma pôde, entre conversas e troca de saberes, conhecer um pouco do conteúdo histórico que nos rodeia, como a então passagem do ex-presidente brasileiro Getúlio Vargas pela Estância São Pedro, estabelecimento rural que foi, na época, propriedade do embaixador João Batista Luzardo e, território de Uruguaiana, mas atualmente pertence ao município da Barra do Quaraí. Outros destaques durante a viagem de ônibus foram algumas espécies de pássaros que não costumamos ver no meio urbano, como a cegonha, ave também conhecida por joão-grande, como destacou o professor e; o colhereiro, ave rara e inconfundível devido à forma do bico que lhe dá o nome. Ao longo do percurso, também pudemos presenciar as diferentes vegetações do ambiente onde vivemos, uma vez que foi possível distinguir áreas que infelizmente o ser humano devastou, daquelas que ainda resistem ao desmatamento, como no Parque Estadual do Espinilho, local que apresenta diversidade em sua fauna e flora.

Quando chegamos ao limite do que seria nossa viagem de ônibus, desembarcamos e seguimos, desta vez a pé, por um percurso que deveria ter cerca de 1 km e, devido às chuvas que haviam se concentrado na região, tinha muito barro. Ao final deste, nos aproximamos da margem do Rio Quaraí, de onde partiríamos de barco até a Ilha Brasileira.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Antes, porém, conhecemos o Marco Imperial brasileiro que ali se mantém desde 1901, estabelecendo os limites entre Brasil e Argentina.

No deslocamento da margem do rio até a ilha nos dividimos em grupos de mais ou menos 9 pessoas, limite estimado no barco, vivenciando, naqueles 15 minutos de travessia, um momento único onde presenciamos um misto de sentimentos, como a alegria de poder estar cruzando um rio que nos levaria a oportunidade de conhecer um lugar incrível que está na tríplice fronteira, além de também podermos ter a oportunidade de fazer essa travessia de barco, tornando esta ainda mais especial, pois acredito que para muitos foi a primeira vez que cruzaram um rio desta forma.

Chegando à Ilha Brasileira, fomos conhecer, em uma breve trilha, a casa do seu Zeca, último morador da ilha. Também conhecido como o “Guardião da Ilha Brasileira”, ele passou ali 40 anos de sua vida, optando por morar nesta, inicialmente, devido a sua profissão de balseiro e construtor naval, sendo atraído até ali pela movimentação das balsas carregadas de madeiras que cruzavam do Brasil para a Argentina e Uruguai. Porém, com a escassez da madeira e a diminuição de peixes nos rios, todas as famílias que ali moravam abandonaram a ilha, menos o seu Zeca, que continuou naquele lugar plantando e cultivando árvores, como uma avenida de Canafístulas que, ainda hoje podem ser vistas e levam até sua casa, construída por ele mesmo.

Em seguida, o grupo, guiado por um de seus integrantes, tentou seguir a trilha até o lugar onde se encontra o Marco Imperial da Ilha Brasileira, monumento histórico construído com várias peças colossais de mármore no ano de 1862 que assinala o extremo oeste da fronteira do Brasil com o Uruguai. Contudo, não conseguiram chegar ao mesmo devido à falta de informação destes. Então, voltaram ao ponto de chegada, onde alguns deram uma rápida passagem em outro local da ilha que fica à margem e, em seguida, todos se reuniram para o almoço.

Após o almoço, nos dividimos novamente em grupos para retornarmos à margem do território da Barra do Quaraí, de onde havíamos partido. Desta vez, durante a travessia, tivemos a oportunidade de observar, num curto intervalo de tempo, um jacaré, que repousava próximo ao rio.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Posteriormente, refizemos, novamente a pé e, em seguida de ônibus, o mesmo percurso que nos tinha trazido até tal lugar, indo, desta vez, conhecer um local chamado de Saladero, também conhecido por charqueada, é um estabelecimento onde se preparava a carne-seca/charque e, que atualmente se encontra em meio de destroços e ruínas. Lá pudemos, rapidamente, adentrar e conhecer sua estrutura, um casarão construído há muitos anos, que em sua forma demonstra a antiguidade, como em uma espécie de túnel que lá existe, parecendo fazer conexão com outro lugar.

Então, para encerrarmos nossa expedição em grande estilo, fomos à tão famosa ponte de ferro que liga Brasil e Uruguai, onde registramos o momento em grupo. Esta que é uma ponte ferroviária internacional sobre o Rio Quaraí construída em 1887 e serviu para o tráfego de trens até o ano de 1988, quando ao seu lado foi feita uma ponte rodoviária de concreto para facilitar a travessia entre os dois países. Em seguida, por volta das 16h45min, embarcamos num outro ônibus que nos levaria de volta à Uruguiana.

Por fim, acredito que a expedição de estudos à Ilha Brasileira foi uma ótima ocasião para os alunos e professores conhecerem um pouco deste local que já tem um peso histórico forte, apenas por estar localizado entre três fronteiras e, também foi de suma importância, as rápidas, porém significativas passagens pelos locais históricos que estivemos, como as Ruínas do Saladero e a ponte de ferro que faz a conexão Brasil-Uruguai, uma vez que estas se tornaram símbolos da região. Devo destacar também, a relevância de tal atividade ter sido realizada como fechamento do semestre letivo, o que possibilitou que os alunos pudessem encará-la como um passeio de despedida que daria início as férias, o qual, particularmente, gostei bastante, devido a ser minha primeira vez que estive no município da Barra do Quaraí e também por poder desfrutar de todos estes momentos com pessoas que amo”.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os relatos/registros/narrativas de José e Rafaela reforçam a ideia da impossibilidade da transmissão de conhecimento/saber/conteúdo. Todo saber é uma construção, processo

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

dinâmico/contínuo de interpretação/reflexão/colagem que se dá subjetividade de cada sujeito/agente do processo pedagógico. Passaram pela mesma vivência da Jornada a Ilha Brasileira e eis que temos duas produções textuais influenciadas decisivamente pelas visões de mundo d@s jovens estudantes.

São narrativas repletas de conhecimentos inter/transdisciplinares frutos da imersão ambiental oportunizada; textos vivos, trilhados em locais que nos transportam no tempo, ambiências que continuam a interrogar sobre a história e como modelos econômicos são tão facilmente substituídos e culturas inteiras soterradas. Os conceitos de biodiversidade tornam-se evidentes.

Estes elementos emergem dentro de um clima de curiosidade/fascinação pelo desconhecido, em que a imprevisibilidade acompanha todo o processo, acrescentando um caráter lúdico, quase jogo, temperado pela aventura, algo bastante impensável em processos pedagógicos tradicionais limitados por paredes; aqui a aprendizagem se dá em espaço aberto.

As várias formas de deslocamento no espaço por meio de ônibus, caminhada e finalmente em pequenas embarcações contribuiu para um envolvimento também diversificado com a proposta da jornada que oportunizou vivências inéditas e surpreendentes. Mesmo morando na beira do maior rio gaúcho, a grande maioria d@s participantes nunca haviam subido em um barco. Como calcular o significado desta prática pedagógica?

A socialização vivenciada pelo grupo é sinalizada nos registros como processo que naturalmente ocorre com uma intensidade própria neste tipo de prática. Assim, o conhecimento é enriquecido com a contribuição de cada colega que ao seu lado afunda no barro em uma trilha ou embarca contigo no bote e por nervosismo ou êxtase não conseguem parar de rir ou falar. Tais dinâmicas garantem na formação d@s professoras/es ambientes solidários e de colaboração, na contramão do individualismo competitivista do universo acadêmico.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental**. Conselho Nacional de Educação. Resolução no- 2, de 15 de junho de 2012.

BRASIL. **Lei 9.795, de 27.04.1999**. Dispõe sobre Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras providências. DOU 28.04.1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Manifesto por la Vida: por uma ética para la sustentabilidade**: Buenos Aires: Gráfica Alsina, 2006.

KITZMANN, Dione e ASMUS, Milton. Ambientalização sistêmica – do currículo ao socioambiente **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 269-290, Jan/Abr 2012 ISSN 1645-1384 (online) [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org) 2691 Universidade do Rio Grande, FURG Universidade do Rio Grande, FURG.

REVISTA RIO QUARAÍ. **Memórias do Rio**. Comitê de Gerenciamento das Águas Estaduais da Bacia do Rio Quaraí (Org). Barra do Quaraí: Gráfica Universitária, 2018.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.